

A FILOSOFIA DA TÉCNICA DE UMBERTO GALIMBERTI: interface com a Educação Tecnológica

Rafael Diniz Lanza¹

Luiz Henrique de Lancerda Abrahão²

Resumo

O filósofo e psicanalista italiano Umberto Galimberti (1942-) é um expoente singular no campo da Filosofia da Tecnologia (FdT). Nasceu em 1942 na cidade de Monza, Itália. Sua biografia é marcada por um profundo engajamento com as interações complexas entre a técnica e a condição humana. O filósofo italiano, ainda, faz contribuições significativas para o entendimento dos efeitos da técnica na identidade, cultura e na sociedade em geral, explorando questões filosóficas fundamentais em um mundo cada vez mais permeado pela técnica e pelos aparatos tecnológicos. Sua tese versa sobre a técnica como um “Absoluto” da condição humana em uma nova era chamada de “Idade da Técnica”. Para o italiano, a técnica decretou o fim das ideologias e submete a ética e a política, então considerada como a técnica régia. Contudo, apesar de uma visão por vezes sombrias, Galimberti deixa uma suave esperança no despertar da consciência humana para o fenômeno técnica. Para o italiano, a Educação, inclusive a tecnológica, não deve apenas transmitir conhecimentos técnicos, mas que também cultivar valores intrinsecamente humanos.

Palavras-chave: Filosofia da Tecnologia – Umberto Galimberti – Técnica como Absoluto – Idade da Técnica – Educação Tecnológica

Introdução

Umberto Galimberti é um renomado filósofo e psicanalista italiano, nascido em 1942 na cidade de Monza. Sua trajetória é caracterizada por um profundo envolvimento no estudo das interações complexas entre a tecnologia e o desenvolvimento da mente humana. Formou-se em

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica (PPGET) do CEFET/MG. rafalanza@gmail.com.

² Professor Dr. do Departamento de Educação do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG.

Filosofia pela Universidade Católica de Milão em 1965. Atualmente, é professor titular de História da Filosofia e Psicologia Geral na Universidade Ca' Foscari de Veneza, além de ser membro ativo da Associação Internacional de Psicologia Analítica.

Durante sua graduação, em 1963, Galimberti frequentou a Universidade da Basileia, na Suíça, onde conheceu Karl Jaspers (1883-1969). Este encontro foi decisivo, pois Jaspers incentivou Galimberti a explorar as conexões entre psicopatologia e filosofia, tornando-se posteriormente seu mentor. Galimberti se dedicou à tradução e divulgação de obras do psiquiatra e filósofo alemão-suíço em italiano. Ele também traduziu obras do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) (Galimberti, 2017).

Incompletude humana e acesso ao mundo

Este texto visa explorar as contribuições de Umberto Galimberti e sua visão sobre a técnica. Para isso, será analisada a obra *Psiche e techne: L'uomo nell'età della tecnica* (1999), traduzida para o português como: *Psiche e techne: o homem na idade da técnica* (2006).

A técnica, em sua essência, representa uma extensão da racionalidade humana e, conforme argumenta Galimberti (2006), torna-se o meio pelo qual os seres humanos exercem controle sobre o mundo ao seu redor e sobre si mesmos. Por meio da técnica, os indivíduos procuram aliviar seu sofrimento e melhorar a qualidade de vida. Sob essa ótica, a técnica reflete o desejo humano de superar limitações e alcançar um nível de existência superior.

Doando a técnica aos homens, Prometeu transforma-os, 'de crianças que eram, em seres racionais [*énnous*] e patrões da própria mente [*phrenôn epebólous*]. A técnica, então, é pensada pelo grego como aquela racionalidade que permite, a quem é senhor da própria mente, afastar a dor, esse elemento inútil que perturba quem delira, quem não sabe dispor da própria mente. A técnica, portanto, é a racionalidade, e a razão é uma técnica para pôr fim à dor (Galimberti, 2006, p. 65)

Galimberti (2006) oferece uma visão perspicaz ao analisar como a busca por explicações causais e a aplicação da técnica manifestam-se como formas de reduzir a imprevisibilidade que é parte integrante do destino humano, conforme ele observa:

Se é possível levantar uma hipótese a respeito da origem da ideia de destino, a partir da ignorância das causas, com o fortalecimento do valor da relação causal é possível pensar que a busca das causas, na qual se expressa a técnica, é uma defesa contra a imprevisibilidade do destino. No fundo, o determinismo causal apresenta as mesmas características do destino. É cego e não realiza projetos, não odeia nem favorece os homens, não têm objetivos futuros, mas ultrapassa o passado e o futuro num presente que repete a si mesmo, obedecendo a uma lei que não conhece revogações nem exceções (Galimberti, 2006, p. 66).

Galimberti (2006) investigou a conexão entre a técnica, a mitologia grega (particularmente o mito de Prometeu) e a natureza humana. Ele destacou como a técnica tornou-se crucial para a existência humana, pois permite que os indivíduos acessem e transformem o mundo, superando as limitações biológicas instintivas em relação à natureza.

A análise de Galimberti (2006) sobre o mito de Prometeu sublinha a supremacia da técnica e uma transformação antropológica que transcende a compreensão mítica do tempo. Ele demonstra como a técnica reconfigurou a percepção do tempo, da memória e da busca pela felicidade, enfrentando a dualidade da existência humana entre a busca por significado e o destino inevitável da morte. O autor italiano enfatiza a esperança e a promessa da técnica em desafiar o ciclo natural de vida e morte, oferecendo a possibilidade de transcender a temporalidade cíclica.

Na antiguidade, a técnica era vista como uma extensão da racionalidade humana, conforme destacado por Galimberti (2006). Ela possibilitava o controle sobre o ambiente e a busca por soluções para enfrentar a imprevisibilidade do destino. A mudança de paradigma ocorreu com o surgimento do domínio técnico pelos médicos da escola de *Kós*, conforme narrado pelo autor italiano.

preparado pela tragédia grega, terá início a primeira técnica, a de Hipócrates e dos médicos da escola de *Kós*, que, promovendo esse pensamento que procede por nexos e consequências, será um paradigma para todas as técnicas. De fato, não existe remédio para a dor se esta escapa à compreensão do homem, ficando envolta no âmbito imperscrutável de deus. Desse modo, a técnica se repropõe como figura da racionalidade, e a razão, como técnica para remediar a dor (Galimberti, 2006, p. 70-71).

Em síntese, ao investigar a simbologia da técnica no Ocidente, Galimberti (2006)

analisou a interação entre técnica, mitologia, tempo, memória e ética. Ele destacou que a técnica vai além de uma simples habilidade prática, transformando-se em uma força que redefine a natureza da experiência humana e sua conexão com o mundo.

A transformação dos meios em fins

Segundo Galimberti (2006), a técnica introduz uma forma de agir que visa alcançar objetivos específicos através de métodos calculados, tecnicamente avaliados e previamente definidos. O italiano argumenta que essa perspectiva posiciona o ser humano como o agente da ação, com a técnica funcionando como uma ferramenta à sua disposição. Esse entendimento destaca a instrumentalidade da técnica, e também como ela orienta e molda a própria noção de racionalidade das ações humanas.

No universo das ações possíveis, a técnica inaugura esse agir em conformidade com um objetivo que é reconhecido como o traço típico da racionalidade, cujo proceder não é regulado pelo arbítrio, mas pelo cálculo, que avalia a adequação dos meios aos fins prefixados. Nesse quadro, em que nos propomos fins a serem alcançados com oportunos meios aos fins prefixados [...] se visualiza o homem como sujeito da ação e a técnica como instrumento à sua disposição (Galimberti, 2006, p. 265).

Para o filósofo italiano, a inversão de prioridades revela como a técnica pode distanciar-se, de forma paradoxal, de seu propósito original de atender às necessidades humanas. Dessa forma, a técnica coloca-se em um pedestal, sendo vista como o objetivo supremo a ser alcançado, mesmo que isso comprometa a satisfação das necessidades mais básicas da sociedade.

Assim, por exemplo, se a técnica se tornasse, como parecer ter ocorrido, a condição universal (meio), para produção dos bens e para a satisfação das necessidades (fim), o alcance de um adequado aparato técnico se torna o primeiro fim, para consecução do qual, se for necessário, sacrifica-se até a produção dos bens e a satisfação das necessidades (Galimberti, 2006, p. 265).

A sutil, porém significativa mudança da técnica como um fim em si mesma evidencia sua autonomia em relação às necessidades humanas, como desejos e motivações subjacentes à ação. De acordo com Galimberti (2006), nesse cenário, a técnica assume um papel predominante

ao posicionar-se como uma necessidade primária e como um desejo maior, o motivo centralizador das ações humanas.

Para o filósofo italiano, essa mudança tênue, porém crucial, ilustra a transformação da técnica de um *meio* para tornar-se o próprio *fim*. Esse redirecionamento da técnica como um fim maior revela a interdependência entre a realização de diversos propósitos e a instrumentalização técnica, levantando questionamentos éticos e sociais sobre o papel predominante da técnica na orientação das diversas atividades da vida humana.

A verdade como eficácia

O filósofo de Monza ressaltou que a percepção da verdade não se limita a um mero espetáculo contemplativo, mas sim a um processo contínuo de dominação sobre a natureza. Para ele, a verdade como revelação da natureza, está intrinsecamente ligada à história da técnica como um desafio humano à natureza, um pensamento tipicamente heideggeriano. Ao conectar a verdade ao domínio do mundo, ele argumenta que a verdade é essencial para a sobrevivência humana.

dizer que a verdade é desvelamento da natureza, dizer que a técnica segue a trajetória histórica da verdade enquanto pro-vocação da natureza, enquanto revela (*a-létheia*) a energia da natureza, significa dizer que a verdade não é tanto “espetáculo”, “contemplação”, “visão”, mas forma de domínio, esse domínio que o homem sempre teve de exercer sobre a natureza para poder sobreviver (Galimberti, 2006, p. 394).

Segundo a análise de Galimberti (2006), a concepção contemporânea da verdade na era tecnológica difere da proposta por Platão na antiguidade. Ao invés de ser associada à beleza das coisas e à bondade humana, como enfatizado pelo filósofo grego, a verdade é agora, principalmente, definida pela sua precisão. Este conceito de precisão está intimamente ligado às previsões matemáticas, que não esperam passivamente pela realização do real, mas estabelecem as condições necessárias para que essa realização ocorra.

"Aqui, a verdade não é apenas uma questão de correspondência com a realidade observável, mas simplesmente 'exata', isto é, (*ex-actu*) pelas antecipações matemáticas que não esperam a realização do real, mas coloca as condições da sua realização" (Galimberti, 2006, p.

404). Esta perspectiva de mundo enfatiza a importância da precisão e da previsibilidade na busca pela verdade, destacando a influência da lógica matemática e da técnica na formação das noções de verdade e conhecimento.

O surgimento do conhecimento matemático introduz uma nova dinâmica, em que o acesso à verdade, para Galimberti (2006), é mediado pelas convenções impostas pelo "ego cogito" (Galimberti, 2006, p. 404). O filósofo italiano explica que essas convenções antecipam e delimitam possíveis significados, deixando de lado qualquer interpretação que ultrapasse os limites das antecipações projetadas. Nesse contexto, a verdade torna-se intrinsecamente ligada ao conhecimento matemático, destacando a influência do pensamento cartesiano na configuração do conhecimento científico e na definição da verdade, sublinhando a importância das estruturas discursivas na determinação dos limites do entendimento humano.

A transição da verdade de uma crença mitológica para uma verdade baseada na eficácia marca uma mudança fundamental na compreensão do conhecimento e da verdade. Segundo Galimberti (2006), antes a verdade estava associada a conceitos abstratos e à identidade pessoal; agora, ela é avaliada pela capacidade de produzir resultados tangíveis e funcionais.

Para o filósofo italiano, essa transformação inaugurou uma nova era do conhecimento, na qual a determinação da verdade não é mais governada pelos domínios tradicionais do saber, mas sim pelos meios técnicos que a promovem e a fazem prosperar. Este ponto de vista coloca a técnica no centro da produção e aplicação de conhecimento, desafiando as estruturas convencionais do saber e introduzindo uma dinâmica inovadora na busca pela verdade e na compreensão do mundo.

Ao afirmar que a verdade é um processo de ordenamento em constante evolução, Galimberti (2006) sublinha a verdadeira essência deste conceito, que nunca foi simplesmente a correspondência a uma ordem fixa e imutável. Em vez disso, a verdade revela-se como a capacidade de criar e manter uma ordem funcional. Para o filósofo italiano, esta compreensão destaca a verdade como intrinsecamente ligada à eficácia, encontrando sua expressão mais íntima naquilo que Nietzsche³ descreve como a "vontade de verdade" (Galimberti, 2006, p.

³ Galimberti afirma que Nietzsche pode dizer: "Em todo filosofar até hoje nunca se tratou de "verdade", mas de alguma outra coisa, como saúde, futuro, desenvolvimento, potência, vida etc." (Nietzsche, Friedrich. *La gaia scienza* (1882). Vol. V, 2. p. 16. 1965 *apud* Galimberti, 2006, p. 409).

409).

A reificação humana

Na análise semiótica feita por Galimberti (2006) acerca da absolutização da técnica, o filósofo examinou de maneira específica o processo de reificação humana sob a perspectiva de Karl Marx (1818-1883), abordando o fetichismo humano pelas "mercadorias" ou "dinheiro" (Galimberti, 2006, p. 442) nas sociedades capitalistas. O filósofo italiano observou que Marx destacou a percepção de que tanto nas sociedades capitalistas quanto nas sociedades arcaicas, os objetos são valorizados não pelo que são intrinsecamente, mas pelo seu valor de troca, ou seja, pela capacidade de serem convertidos em ouro ou dinheiro "como o mana dos primitivos" (Galimberti, 2006, p. 442).

Nessa dinâmica, Galimberti (2006) compreende que o filósofo alemão viu uma espécie de aura em torno dos objetos, obscurecendo sua verdadeira natureza e transformando-os em símbolos puramente de valor econômico. A alienação presente nas relações de mercado levou Galimberti (2006) a concordar com Marx⁴, pois, para ele, os objetos são elevados à condição de fetiches, perdendo sua identidade original e passando a servir principalmente como veículos de valor econômico, em vez de satisfazerem as reais necessidades humanas.

Para Galimberti (2006), as reflexões de Marx sobre o dinheiro podem ser aplicadas à técnica, que absorve em si o mundo da vida, transformando tanto pessoas quanto objetos em componentes funcionais dentro da estrutura do aparato técnico. No entanto, a visão de Galimberti sugere que a técnica surge como uma força racionalizadora capaz de reorganizar a ordem social e eliminar aspectos considerados irracionais na estrutura capitalista. Dessa forma, a técnica se apresenta como um mundo mais racional do que o capitalista, que ainda mantém vestígios de irracionalidade, como "esse traço 'humanista' que é a paixão pelo dinheiro"

⁴ Galimberti ressalta Marx: "A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Mas essa utilidade não subsiste no ar. É resultado da qualidade do corpo da mercadoria e não existe sem ele. O corpo da mercadoria esmo, como o ferro, a semente, o diamante, etc., é, pois, um valor de uso, ou seja, um bem. [...] Mas, se nós fizermos abstração do valor de uso das mercadorias, também faremos abstração das partes constitutivas e das formas corporais que a tornam um valor de uso. A mercadoria não é mais mesa, nem casa, nem fio, nem outra coisa útil. Todas as suas qualidades sensíveis são canceladas [...] em favor desse elemento comum que se manifesta na relação de troca ou no valor de troca da mercadoria. Esse é o valor da mercadoria mesma" (Marx, K. *Il capitale. Critica dell'economia politica*. Roma: Editora Riuniti, 1964, Livro I, cap. III, p.140 *apud* Galimberti, 2006, p. 442).

(Galimberti, 2006, p. 444). A técnica está progressivamente alinhada com sua própria essência, que tende a eliminar esse resquício humanista presente no sistema capitalista.

O que Marx diz do dinheiro pode ser tranquilamente referido à técnica, que, reabsorvendo em si o mundo-da-vida, resolveu homens e coisas na sua funcionalidade, dentro desse aparato que é a *técnica posta como mundo*. Um mundo mais racional do que o capitalista, porque este último, conservando ainda em si esse traço “humanista” que é a *paixão pelo dinheiro*, aparece aos olhos da técnica como um mundo ainda percorrido por um veio de irracionalidade, que o progressivo “coerentizar-se” da técnica com a própria essência não poderá deixar de eliminar (Galimberti, 2006, p. 444).

Segundo Galimberti (2006), no cenário em que os humanos encontram-se cada vez mais imersos em um universo reificado, as suas próprias características são reduzidas a simples funções e utilidades determinadas pela lógica e eficiência técnica. Para o filósofo italiano, essa perspectiva vai além das análises de Marx sobre a alienação, pois demonstra que tanto o sistema capitalista quanto o comunista, apesar de suas diferenças ideológicas, ainda estão enraizados em um paradigma humanista, no qual a centralidade do homem é preservada, embora de formas distintas.

A essa altura, nasce a técnica como disposição do mundo, a verdade como eficácia, a razão como instrumento, a tradução do mundo-da-vida no mundo da técnica, a personificação do homem e a sua reificação em termos bem mais radicais do que os previstos por Marx, [...] tanto o capitalismo (causa alienação) quanto o comunismo (condição do seu resgate) são ainda figuras inscritas dentro do *humanismo* (Galimberti, 2006, p. 447).

Na idade da técnica, a relação vira de cabeça para baixo, no sentido de que o homem não é um *sujeito* que a produção capitalista aliena e reifica, mas um *produto* da alienação tecnológica, que se instaura como sujeito, e o homem, como predador (Galimberti, 2006, p. 447).

A análise de Galimberti (2006) revela que, apesar das diferenças superficiais entre capitalismo e comunismo, ambos sistemas estão intrinsecamente ligados a uma estrutura técnica que subordina os propósitos humanos às demandas da eficiência técnica. Isso sugere uma reavaliação do conflito entre esses sistemas, não mais como uma dicotomia ideológica, mas como uma expressão hegemônica da técnica sobre a organização social e política.

A reificação humana manifesta-se quando, conforme Galimberti (2006), os indivíduos são tratados meramente como peças intercambiáveis em um sistema técnico, perdendo sua singularidade e subjetividade diante de uma lógica impessoal de eficiência e produtividade. Ao considerar o mundo como um produto humano e não como uma realidade independente do sujeito, o filósofo italiano critica a filosofia por abrir espaço para uma visão instrumentalista que reduz tanto os seres humanos quanto as coisas aos aspectos que podem ser meramente quantificados e manipulados por uma razão lógica. Segundo ele, "essa mudança foi longamente preparada pela filosofia, desde o momento em que, com Platão, o *mundo-da-vida* foi submetido ao mundo das ideias" (Galimberti, 2006, p. 449).

A submissão da política à técnica

Galimberti (2006) abordou a complexa interação entre técnica e ideologia, destacando que compreender essa relação requer o reconhecimento de que qualquer questionamento sobre a interação entre técnica e ideologia muitas vezes resulta em uma resposta sombria. Para o filósofo italiano, existem duas razões fundamentais que explicam uma resposta negativa sobre a possibilidade de conciliação entre técnica e ideologia. Primeiramente, há a tendência intrínseca da técnica em reduzir todas as ideias a meras hipóteses, diminuindo seu valor próprio e submetendo-as a uma lógica instrumental do aparato técnico disponível. Em segundo lugar, há a subordinação das ideias às condições técnicas existentes e necessárias para sua efetivação real.

Enquanto a ideologia tende a se vincular a um conjunto fixo de premissas teóricas que eventualmente tornam-se obsoletas, a técnica está continuamente buscando melhorar e superar suas próprias hipóteses. Essa característica permite que a técnica mantenha sua relevância mesmo diante da mudança ou falha de seus fundamentos teóricos. Sua validade não está intrinsecamente ligada a um conjunto específico de ideias, mas sim à sua capacidade de gerar resultados práticos e explicativos, ou seja, "a redução, própria da técnica, de todas as ideias a hipóteses, e a subordinação de todas as ideias às condições técnicas que permitam a sua realização" (Galimberti, 2006, p. 459-460). Isso faz com que a técnica seja capaz de superar qualquer rigidez ideológica.

A técnica não é ideologia porque, diferentemente da ideologia que pensa a si mesma

como imutável, a técnica pensa as próprias hipóteses como *em princípios* superáveis; por isso, enquanto ideologia morre no momento em que seu núcleo teórico *não faz mais mundo*, e muito menos o *explica*, a técnica, que vive e se alimenta da *superação* das próprias hipóteses teóricas, não se extingue no momento em que um núcleo teórico se revela ineficaz, porque não ligou a verdade a esse núcleo teórico, mas à sua eficácia produtiva e explicativa, que ser muito bem garantida por outros núcleos teóricos (Galimberti, 2006, p. 460)

A técnica destaca-se como um agente disruptivo porque, segundo Galimberti (2006), ao contrário da ideologia, sua capacidade adaptativa contribui para a resiliência e longevidade, enfrentando as transformações sociais e os avanços científicos com flexibilidade, ao contrário da rigidez ideológica.

A queda do sistema comunista na Europa Oriental foi um evento histórico de grande significado na dinâmica do domínio técnico sobre a ideologia. Segundo Galimberti (2006), o colapso do comunismo naquela região não representou apenas a queda de um sistema político, mas marcou a transformação das relações de poder, economia e da própria concepção de ideologia. Para o filósofo italiano, o declínio do comunismo no leste europeu foi em parte impulsionado pela ascensão da racionalidade técnica, que impôs desafios insuperáveis ao modelo ideológico comunista, incapaz de competir com a eficiência e a produtividade oferecidas pela economia de mercado do mundo ocidental e suas tecnologias.

O comunismo do Leste fracassou porque a ideologia da solidariedade, que se propunha a satisfação universal das necessidades, estava em confronto com o fortalecimento do próprio aparato técnico, necessário para enfrentar a ideologia capitalista do Oeste e realizar o objetivo da ideologia socialista. A insuficiência do aparato técnico do Leste em relação à do Oeste, e não o desejo de democracia, é que definiu o declínio da ideologia comunista (Galimberti, 2006, p. 488)

Segundo Galimberti (2006), houve uma necessidade de reconfiguração profunda da política e da ética. O avanço da técnica como condição essencial para alcançar os objetivos propostos pelas ideologias levou ao declínio destas, refletindo uma crise de identidade ideológica e ética na esfera política. Isso implicou na urgência de redefinir os fundamentos políticos, resultando na busca por novos paradigmas políticos compatíveis com a Idade da Técnica.

Segundo o filósofo italiano, no tempo antigo, a política era considerada como "uma

forma de adaptação ativa" (Galimberti, 2006, p. 509), onde os indivíduos tinham controle dinâmico sobre as condições externas, frequentemente determinadas pela natureza. No entanto, com o avanço da técnica, as condições externas passaram a ser determinadas pela própria técnica, relegando a política a uma posição de "adaptação passiva" (Galimberti, 2006, p. 509). Nesse contexto, "significa dizer que é a técnica que decide sobre o conteúdo e sobre a forma da política" (Galimberti, 2006, p. 509). Em outras palavras, a política é obrigada a acompanhar o progresso técnico sem ter controle sobre ele, já que a técnica agora garante sua continuidade e eficácia diante das transformações em curso na sociedade.

A impotência da ética

De acordo com Galimberti (2006), à medida que a técnica avança, a política encontra-se cada vez mais incapaz de cumprir seu tradicional papel de integrar o indivíduo à sociedade por meio do compartilhamento de valores éticos anteriormente comuns. Segundo o autor, "o sistema político perde aquela função integradora do indivíduo com a sociedade" (Galimberti, 2006, p. 516). Em vez disso, as interações políticas são agora mediadas pela facilitação da comunicação e pelas expectativas e recursos disponíveis, em detrimento da consideração do indivíduo e de sua ética individual. Nessa dinâmica, a técnica exerce pressão sobre a política para que esta se afaste da tradição ética baseada na ação: "não mais com o critério pessoal do amigo e do inimigo, como ocorria nas sociedades arcaicas, mas com aquele funcional do papel desempenhado" (Galimberti, 2006, p. 516).

O surgimento de uma dinâmica na qual a ética vê-se impotente frente ao avanço técnico representa um problema humano genuíno. Esse fenômeno destaca a complexa relação entre os imperativos éticos e as demandas práticas da técnica na sociedade contemporânea. Incapazes de resolver essa questão, os humanos buscam respostas, muitas vezes inconsistentes, para os desafios impostos pela técnica. "Isso significa que não é mais a ética que promove a técnica, mas é a técnica que condiciona a ética, obrigando-a a tomar posição a partir de uma realidade não mais natural, mas artificial que a técnica não cessa de construir e tornar possível" (Galimberti, 2006, p. 519).

Antigamente, para Galimberti (2006) a ética era considerada a guardiã da moralidade

humana, enquanto a técnica restringia-se a encontrar meios para alcançar esses objetivos. No entanto, essa distinção desaparece à medida que os objetivos da técnica confundem-se com os próprios resultados de suas operações, agora racionalizadas de forma eficiente. Para o filósofo italiano, a ética depara-se com sua própria impotência, sendo incapaz de influenciar significativamente as decisões e ações da técnica, que cada vez mais moldam o tecido social.

A dominação da técnica sobre a ética ocorre quando a prática técnica, de acordo com Galimberti (2006), começa a ditar as ações éticas. Nesse contexto, a autonomia moral é substituída pela busca de eficiência técnica. Assim, a ética vê-se subordinada ao imperativo técnico, que já possui seus próprios fins e critérios de avaliação bem definidos. Valores éticos tradicionais são relegados a um plano secundário ou marginal. Dessa forma, conforme o autor, "o fazer superou em muito o agir, e essa é a razão pela qual a ética, que domina o agir, não é capaz de regular a técnica, da qual procede o fazer" (Galimberti, 2006, p. 523).

O problema, de fato, não se resolve denunciando o risco ligado ao desenvolvimento descontrolado da técnica, mas mostrando como a ética pode impedir, que a técnica faça aquilo que pode fazer. Se a ética não tem essa possibilidade, a sua exigência de pôr um limite à técnica fica sendo mera aspiração, que não se torna realidade nem mesmo seguindo a hipótese de Jonas⁵, que aliás, é autocontraditória (Galimberti, 2006, p. 526).

A essa altura, a ética, como indicação do "dever ser", não pode senão render-se à técnica, que sabe como as coisas "devem andar" para otimizar, segundo os critérios da mais rigorosa racionalidade, o bem-estar e o seu crescimento, segundo um esquema evolutivo que se parece mais com um processo natural do que com um processo histórico (Galimberti, 2006, p. 539).

Assim, à medida que a técnica torna-se o principal motor das mudanças sociais e históricas, a ética é relegada a um papel secundário, incapaz de competir com a lógica impessoal e eficiente da racionalidade técnica. O filósofo italiano, portanto, vislumbra um futuro em que os valores humanos tradicionais cederão lugar à supremacia implacável da técnica.

⁵ Galimberti critica a visão de Hans Jonas: "Jonas propõe como remédio 'a responsabilidade originária dos cuidados parentais dos pais em relação aos filhos', exercida sob o registro da geração presente em relação à geração futura. Portanto, de novo um modelo antropocêntrico para corrigir o limite antropocêntrico da ética tradicional" (Galimberti, 2006, p. 526).

A Educação na Idade da Técnica - interface

Galimberti (2006) enfatiza a importância de uma Educação Tecnológica⁶, que vá além do simples ensino do uso das tecnologias, promovendo também a capacidade de fazer escolhas eticamente fundamentadas em um mundo cada vez mais dominado pela técnica. Isso implica buscar uma Educação, que não apenas transmita conhecimentos técnicos, mas que também cultive uma compreensão profunda das implicações éticas e sociais das tecnologias.

Na década de 2010, Galimberti concedeu entrevistas a diversos meios de comunicação acadêmicos e revistas de interesse geral sobre a dominação técnica, incluindo a revista *Educação*⁷. Em uma dessas entrevistas, Galimberti (2011) sugeriu que o fracasso da Educação está na subutilização da escola pública pelos jovens, particularmente no desenvolvimento de "todo aparato emotivo, sentimental, emocional" necessário para uma vida adulta plena. Mais recentemente, em uma palestra no *Festival Filosofia*⁸, Galimberti (2022) reafirmou sua visão de que a Educação falha ao apenas instruir, sem preparar os jovens para as responsabilidades emocionais com seus pares.

A escola italiana ensina quando consegue, mas não educa. Porque a educação é algo mais do que instrução. A instrução é uma transferência de informação daqueles que a possuem para aqueles que não a possuem. A educação, por outro lado, é uma cura para os aspectos funcionais, emocionais e sentimentais. Esta é a educação porque como diz Platão "a mente não pode ser aberta se o coração não tiver sido aberto primeiro" (Galimberti, 2022).⁹

Em sua obra *Psiche e techne*, Galimberti (2006) reforça sua argumentação anterior ao afirmar que, em um mundo cada vez mais dominado pela técnica, é essencial valorizar as subjetividades humanas. Ele observa que "hoje as ações do indivíduo não são interpretadas como expressão de sua identidade, mas como possibilidades calculadas pelo aparato técnico" (Galimberti, 2006, p. 19), o qual não promove empatia, solidariedade ou responsabilidade social.

⁶ Para o conceito de Educação Tecnológica utilizado aqui Cff Grinspun (2002, p. 57). (Grinspun, Mírian. P. S. Zippin. Educação tecnológica: *desafios e perspectivas*. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002. 232 p.).

⁷ A revista *Educação* é uma plataforma com edições impressas, digitais, site e redes sociais, destinada a mantenedores, educadores e interessados em educação. Disponível para acesso em: <https://revistaeducacao.com.br>.

⁸ É um amplo programa criativo de exposições e instalações, de espetáculos e concertos ao vivo, de jogos e workshops, de filmes e de jantares. Disponível em: <https://www.festivalfilosofia.it/il-festival>

⁹ Tradução própria.

Para Galimberti (2006) a Educação, inclusive a tecnológica, deve ser abordada, de forma transdisciplinar¹⁰, visto que o autor defende a integração de várias áreas do conhecimento na elaboração de sua tese, destacando especialmente a antropologia, a ética e a comunicação como fontes essenciais para o amadurecimento, aprendizado e formação humana.

Conclusão

A Filosofia da Técnica de Galimberti aborda as conexões entre o ser humano e a técnica. As suas reflexões, especialmente *em Psiche e techne: o homem na idade da técnica*, dão uma análise que não se limita apenas à formação dos pensamentos, emoções e interações entre indivíduos e artefatos técnicos, mas também a implicações no comportamento e pensamento humano.

A título de conclusão, pode-se, agora, recuperar alguns dos pontos importantes sobre esta investigação sobre a FdT galimbertiana:

1. Galimberti entende que o Absoluto da técnica envolve a reificação do homem, processo que acarreta transformações antropológicas, psíquicas e sociais;
2. Galimberti entende que questões genuinamente humanas como a ética e a política sofrem irremediavelmente a ação da técnica; e
3. Galimberti oferece uma abordagem crítica que nos permite antever uma interface entre a Educação e a Filosofia da Técnica, com uma visão transdisciplinar, na vida das pessoas e na organização do tecido social.

Com base nesses aspectos, conclui-se que para um retrato mais completo da FdT italiana, deve-se incluir os estudos desenvolvidos pelo pensador de Monza.

Referências

AZAMBUJA, C. C. A Natureza da Técnica: *crítica do caráter instrumental do conceito de técnica*. **Pensando - Revista de Filosofia**. Teresina, v. 8, n. 15, 2017, p. 166-182. Disponível em: <https://www.ojs.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/5937/3703>. Acesso em: 29 nov. 2023.

¹⁰ Cff. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*, Basarab Nicolescu (1999). (Nicolescu, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 1999. 167 p.).

AZAMBUJA, C. C.; DIEHL, M. R.; CHAVES, C. W. Umberto Galimberti: *A idade da técnica e o futuro da humanidade*. In: OLIVEIRA, J. **Filosofia da Tecnologia**: seus autores e seus problemas – v. 2. Caxias do Sul: Educs, 2022. p. 313-321.

CHIODO, S; SCHIAFFONATI, V. The Italian Philosophy of Technology. In: CHIODO, S. (org.); SCHIAFFONATI, V. (org.). **Italian Philosophy of Technology: Socio-Cultural, Legal, Scientific and Aesthetic Perspectives on Technology**. Cham: Springer Switzerland, 2021, p. 1-9.

GALIMBERTI, U. **Autore Umberto Galimberti**. Milão: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2017. Disponível em: <http://umbertogalimberti.feltrinellieditore.it/autore/>. Acesso em: 09 jan. 2022.

GALIMBERTI, U. **La scuola e l'educazione delle emozioni e dei sentimenti**. Modena. Festival filosofia, 2022. 1 vídeo (48 min). Disponível em: <https://www.festivalfilosofia.it/video-lezioni&cerca=Umberto%20Galimberti>. Acesso em: 26 set. 2022.

GALIMBERTI, U. **Psiche e Techne: o homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2006. 918 p.

GRINSPUN, M. P. S. Z. **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002. 232 p.

JUNGES, M; MACHADO, R. A dimensão racional da Técnica e a modelagem da vida. **Revista do Instituto Humanitas**. São Leopoldo: Unisinos – IHU- Online. ed. 457, 2014. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5732-umberto-galimberti>. Acesso em: 21 nov. 2021.

MITCHAM, C. **Thinking Through Technology: The Path between Engineering and Philosophy**. Chicago: University of Chicago Press, 1994. 397p.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999. 167p.

VERČ, J. Umberto Galimberti: Man in the Age of Technics. **Phainomena: Selected Essays in Contemporary Italian Philosophy**. Liubliana, 2012, v. XXI, n. 82-83, p. 127-144. nov. 2012. Disponível em: <https://www.phainomena.com/wp-content/uploads/2019/11/Revija-Phainomena-%C5%A1tevilka-82-83-Izbrani-spisi-iz-sodobne-italijanske-filozofije.pdf>. Acesso em : 13 jun. 2022.

YASIN, J. C. M. ANDRADE, G. B. de; BARLEM, E. L. D.; BARLEM, J. G. T; GUTIERRES, É. D.; SOARES, L. S. Moral sensitivity and the use of care technologies under Galimberti's perspective. **Research, Society and Development**. Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 5, p. e84953188, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3188>. Acesso em: 04 jan. 2024.